

FGV: aquecimento da economia pode trazer crise de oferta

Se o aquecimento da economia aumentar, o mercado pode sofrer crise de oferta. É esta a conclusão da 114ª Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação, apurada em janeiro e divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O nível de utilização da capacidade do setor se manteve nos 83% apurados em outubro — num mês de janeiro isso não acontecia desde o Plano Cruzado

— sendo que 16 ramos industriais, que representam mais de 50% das vendas das empresas pesquisadas, passaram a operar em taxa acima de 90% (até aqui havia dez ramos neste caso).

A indústria, segundo a sondagem, até prevê expandir sua capacidade instalada em 14% nos próximos três anos (6% a realizar-se este ano). Mas, entre os setores em que esta expansão será significativa, estão apenas dois (têxtil e matérias plásticas)

que enfrentam sérios gargalos. Juntos aos de borracha, celulose, papel e papelão, química, metalurgia e materiais não-metálicos, esses setores estão operando em tempo integral, ou seja, não têm condições de criar novos turnos de trabalho:

— O nível de investimento previsto não é suficiente para reverter o estrangulamento atual. Na verdade, o momento é de reflexão: o Governo está diante de um tabuleiro de xadrez — diz o chefe do Centro de Estudos Tendências do Ibre, Eden Gonçalves de Oliveira, referindo-se aos efeitos do aquecimento econômico sobre os preços e às dificuldades de se estimular importação sem prejuízo para a balança comercial.

A 114ª sondagem reúne informações de 1.428 empresas que, em 1993, venderam o equivalente a R\$ 105 bilhões (R\$ 14 bilhões vindos das exportações) e empregaram 1,09 milhão de pessoas. Com base no que os empresários responderam sobre o último trimestre de 1994 e previram para 1995 — crescimento atípico para a época do ano — o Ibre estima que a produção industrial aumente 6% na comparação dos três primeiros meses dos dois anos — o que representa sustentação do ritmo de aumento. A produção de bens de consumo final — que nesta época do ano costuma cair — deve crescer, com destaque para automóveis, perfumaria, cerveja, chope e eletroeletrônicos.